

EDITORIAL



A guerra não desapareceu. Ela se transformou — e, com ela, transformou-se também o próprio conceito de segurança. Se, em sua formulação clássica, a guerra esteve associada ao Estado, ao território e ao confronto direto — como consolidado no sistema internacional a partir da Paz de Vestfália —, hoje ela se manifesta em dimensões mais difusas, complexas e persistentes.

A distinção entre guerra e paz, outrora relativamente clara, dissolve-se em um contínuo marcado por tensões permanentes, disputas estruturais e conflitos de baixa intensidade. É nesse contexto que se insere o Sul Global. Historicamente situado em uma posição periférica na arquitetura internacional, o Sul Global passa, no século XXI, a ocupar um lugar estratégico central. Não apenas como espaço de disputa entre grandes potências, mas como ator ativo na redefinição das dinâmicas de poder, segurança e governança.

A transição em curso — do chamado “rules-based order” para uma lógica de competição entre potências — impõe novos desafios. O enfraquecimento das instituições multilaterais, a crescente instrumentalização da interdependência econômica e a intensificação das rivalidades estratégicas reposicionam a defesa e a segurança pública como dimensões estruturais da autonomia estatal.

Nesse cenário, a segurança já não pode ser compreendida exclusivamente sob a ótica militar tradicional. Ela se expande. A guerra contemporânea articula múltiplos domínios: o econômico, o tecnológico, o financeiro, o informacional e o cognitivo. Sanções econômicas, disputas por cadeias produtivas, controle de tecnologias críticas,

fluxos de capitais e operações informacionais passam a compor aquilo que se pode denominar como uma arquitetura ampliada da guerra.

Essa transformação impacta diretamente o Sul Global. Em muitos casos, os Estados enfrentam simultaneamente desafios internos — como violência urbana, fragilidade institucional e desigualdades estruturais — e pressões externas, associadas à competição geopolítica e à reorganização do sistema internacional.

O resultado é um ambiente híbrido, no qual segurança pública e defesa nacional deixam de ser esferas separadas e passam a se interpenetrar. A chamada “zona cinzenta” torna-se, assim, uma categoria central de análise. Entre a guerra declarada e a paz formal, emerge um espaço de conflito contínuo, caracterizado por operações indiretas, coerção econômica, disputas narrativas e intervenções não convencionais. Nesse ambiente, a capacidade estatal de antecipar, responder e adaptar-se torna-se um elemento decisivo.

É precisamente nesse ponto que se insere o eixo estruturante deste dossiê: governança, capacidades e autonomia estratégica. A governança refere-se à capacidade dos Estados de coordenar instituições, integrar políticas públicas e construir mecanismos eficazes de resposta a ameaças complexas. Não se trata apenas de controle, mas de articulação — entre níveis de governo, entre agências e entre o setor público e a sociedade. As capacidades dizem respeito aos instrumentos concretos de ação: forças de segurança, inteligência, tecnologia, infraestrutura e recursos humanos.

No contexto contemporâneo, essas capacidades não podem mais ser pensadas apenas em termos quantitativos, mas qualitativos — isto é, em termos de flexibilidade, integração e adaptabilidade. Por fim, a autonomia estratégica emerge como um objetivo central. Em um sistema internacional cada vez mais competitivo, a capacidade de formular e executar políticas de defesa e segurança sem dependência excessiva de atores externos torna-se condição para a soberania efetiva. Para o Sul Global, isso implica não apenas resistir a pressões externas, mas também construir caminhos próprios de desenvolvimento institucional e tecnológico.

Este dossiê propõe, portanto, uma reflexão crítica e multidimensional sobre esses desafios. Ao reunir contribuições que exploram diferentes dimensões da defesa e da segurança pública no Sul Global, a revista InterAção reafirma seu compromisso com a produção de conhecimento rigoroso, relevante e atento às transformações do sistema internacional.

Mais do que analisar a guerra, trata-se de compreender o mundo em que ela se tornou permanente. E, sobretudo, de refletir sobre como, a partir do Sul Global, é possível construir respostas que não sejam apenas reativas, mas estratégicas. Porque, no cenário contemporâneo, a segurança deixou de ser apenas uma condição — e passou a ser um projeto político.



PROF. DR. JOSÉ RENATO FERRAZ DA SILVEIRA

Editor-Chefe da revista InterAção

 <https://orcid.org/0000-0001-7751-7583>

<https://periodicos.ufsm.br/interacao/index>

